

O topo das cotações ficou para trás?? Como agir agora?

Atualmente, a percepção dominante entre os agentes de mercado é de uma recomposição gradual no fluxo de abastecimento global de café, não somente para os próximos meses, mas para o próximo ciclo. Apesar disso, na primeira semana deste ano, diante um novo movimento de desvalorização do dólar e de um clima irregular no Brasil, os preços apresentaram uma leve recuperação e, apesar de não estarem tão atraentes como nos picos do ano de 2025, ainda seguem bem acima da média dos últimos anos. O fator determinante para os preços neste semestre segue sendo evolução no fluxo das exportações globais e as condições climáticas para a safra brasileira de 2026. Fatores altistas: revisão do USDA para o ciclo 2025/26 com aumento exponencial do consumo global, revisado para cima em 4,49 milhões de sacas, e estoques de passagem ao final do atual ciclo (2025/26) em níveis insuficientes para sequer um mês e meio do consumo mundial, clima irregular no Brasil, chegada do inverno no hemisfério norte, dólar desvalorizado globalmente. Fatores baixistas: revisão da Conab para a safra brasileira de 2025 com acréscimo de 2 milhões de sacas, isenção das tarifas de importação norte-americanas para os cafés brasileiros, adiamento e flexibilização da EUDR, aumento gradual no fluxo de abastecimento global de cafés provenientes de outras origens, boas perspectivas de oferta para o próximo ciclo e para a safra brasileira deste ano.

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Jan/25 a Dez/25)



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 06/01/2026

Fechamentos - Mês de Dezembro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$2.270,00	R\$2.450,00	R\$2.300,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$2.170,00	R\$2.350,00	R\$2.200,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.420,00	R\$1.565,00	R\$1.435,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$1.165,00	R\$1.340,00	R\$1.215,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	340,65	380,50	348,75
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	3.669,00	4.338,00	3.949,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R\$	R\$ 5,2952	R\$ 5,5739	R\$ 5,5024

Fontes: Principais praças de café, [BJ]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: março/2026

FATORES DE SUSTENANÇA (ALTA)

No último mês do ano de 2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu a máxima de 381,00 cents/lb, não esboçando força para ir além desse nível. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), chegou a ser negociado na máxima de USD 4.393,00/ton e, de modo similar ao Arábica, também não esboçou força para atingir níveis superiores a este. Apesar de um mês com viés de baixa tanto para os Arábicas como para os Canephoras, a seguir, alguns fatores que deram sustentação aos preços, evitando quedas mais bruscas, com algumas possibilidades futuras.

No mês de dezembro/25, dois relatórios com dados de previsão de safra, ou melhor, revisão de safra, tiveram destaque: o relatório da Conab com a revisão da safra brasileira 2025 e o relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) com a revisão dos dados de produção, exportações, importações, consumo e estoques finais globais. Enquanto os dados da Conab são vistos como baixistas para os preços, os do USDA, apesar do incremento apontado na produção global, ainda assim, podem ser considerados altistas no contexto geral devido a um incremento mais substancial na demanda que culminará em estoques finais para o atual ciclo ainda mais críticos do que os previstos pela Entidade em seu relatório de junho/25. De acordo com os dados do relatório do USDA de dezembro/25, com a revisão dos dados publicados em junho/25, a safra mundial de café 2025/26 deverá alcançar o recorde de 178,85 milhões de sacas, um incremento de 3,53 milhões em relação ao ciclo anterior e de 0,17 milhão com relação à sua publicação anterior. É válido ressaltar que, no novo relatório do USDA, enquanto o Arábica apresenta uma quebra de -4,69 milhões de sacas (saindo de 100,20 milhões de sacas 2024/25 para 95,52 milhões de sacas 2025/26), os Canephoras apresentam um incremento de 8,22 milhões de sacas (saindo de 75,11 milhões de sacas 2024/25 para 83,33 milhões de sacas 2025/26), ou seja, 53,41% de Arábicas vs. 46,59% de Canephoras são estimados para o ciclo 2025/26. O incremento de 3,53 milhões de sacas na safra global 2025/26 é impulsionado pela recuperação da produção no Vietnã e pelas safras recordes na Indonésia e Etiópia, fatores que compensam as perdas registradas no Brasil e na Colômbia. No comércio internacional, as exportações globais devem subir para 150,10 milhões de sacas, enquanto as importações devem se estabelecer em 143,94 milhões. Apesar da maior oferta, o consumo também apresentou incremento e deve atingir o recorde de 173,85 milhões de sacas, pressionando ainda mais os estoques finais, que devem recuar pelo quinto ano consecutivo, atingindo a mínima de 20,15 milhões de sacas. Se o percentual de estoques finais diante o consumo global apontado em 13,47% no relatório de junho/25 já era temeroso, os níveis atuais de 11,59% são ainda mais críticos e insuficientes para sequer um mês e meio do consumo mundial. Portanto, quaisquer adversidades climáticas que surgirem, pode mudar o rumo da atual tendência dos preços e conduzi-los a novos patamares. Abaixo, um breve resumo dos pontos mais relevantes do relatório do USDA:

PRODUÇÃO / EXPORTAÇÕES 2025/26 (USDA – DEZ/25):

- Brasil: A safra brasileira total de café está estimada em 63,0 milhões de sacas, registrando um recuo de 2,0 milhões. Esse cenário é resultado de desempenhos opostos entre as espécies: enquanto a produção de Arábica caiu para 38,0 milhões de sacas devido ao impacto climático (seca e calor) em Minas Gerais e São Paulo, os Canephoras atingiram o recorde brasileiro de 25,0 milhões de sacas, impulsionado pelas chuvas favoráveis no Espírito Santo e na Bahia. Em função da menor oferta, as exportações devem retrair para 40,75 milhões de sacas.

- Vietnã: Em um cenário de recuperação, a safra do Vietnã é projetada em 30,8 milhões de sacas, 200 mil sacas a menos do que a estimativa de junho, mas ainda maior do que a safra do ciclo anterior estimada em 29 milhões de sacas. Este crescimento é impulsionado por ganhos de produtividade, resultantes da combinação entre condições climáticas favoráveis e melhores tratamentos culturais por parte dos produtores, motivados pelas cotações elevadas do grão. Com uma área colhida estável e predominância de 95% da variedade Robusta, as exportações do país devem avançar para 27,9 milhões de sacas.

- Colômbia: A produção de café na Colômbia está projetada em 13,8 milhões de sacas, o que representa um declínio de 1 milhão de sacas. Essa retração é atribuída ao volume excessivo de precipitação e à nebulosidade durante o ciclo de florada, fatores que comprometeram a produtividade. Consequentemente, as exportações devem recuar para 12,55 milhões.

- Indonésia: A produção de Robusta na Indonésia deve atingir 11 milhões de sacas, um aumento de 1,7 milhão. O crescimento foi impulsionado pelo clima favorável e maior uso de mão de obra. O país é o terceiro maior produtor mundial de Robusta, atrás de Vietnã e Brasil. Já a produção de Arábica deve crescer levemente, para 1,45 milhão de sacas. Consequentemente, as exportações devem totalizar 8,87 milhões de sacas, um incremento de 1,58 milhão de sacas.

- Etiópia: A produção de café da Etiópia está projetada para estabelecer um novo recorde, atingindo 11,56 milhões de sacas, o que representa um aumento de quase 500 mil sacas. Esse crescimento é impulsionado pela substituição de cultivares por materiais geneticamente mais produtivos e por melhorias nas práticas de manejo agrícola. No cenário de exportações, espera-se um crescimento de quase 400 mil sacas, totalizando 7,8 milhões de sacas.

CONSUMO / ESTOQUES 2025/26 (USDA – DEZ/25):

O consumo global de café para o ciclo 2025/26, inicialmente estimado em 169,36 milhões de sacas na publicação de junho de 2025, sofreu um ajuste significativo. O relatório divulgado em dezembro de 2025 incorporou um incremento de 4,49 milhões de sacas. Dessa forma, a estimativa atualizada para o consumo global é de 173,85 milhões de sacas, o que representa um avanço total de 2,29 milhões de sacas em relação ao ciclo anterior. Em consequência deste aumento exponencial do consumo, os estoques globais para o encerramento do ciclo 2025/26, inicialmente projetados em 22,82 milhões de sacas em junho de 2025, sofreram um ajuste negativo para 20,15 milhões de sacas. Este volume consolida o quinto ano consecutivo de declínio nas reservas mundiais de café, acentuando a queda em relação aos 21,31 milhões de sacas registrados ao final do ciclo 2024/25.

Em suma, o relatório do USDA de dezembro de 2025 trouxe um olhar otimista para os preços. Embora a produção mundial para o ciclo 2025/26 tenha sofrido uma leve revisão positiva (de 178,68 para 178,85 milhões de sacas), esse aumento foi amplamente superado pelo crescimento exponencial do consumo global, revisado para cima em 4,49 milhões de sacas. Com o consumo atingindo o recorde de 173,85 milhões de sacas e os estoques finais recuando para 20,15 milhões, o cenário para o ciclo atual consolida-se como de escassez de oferta. Porém, muita cautela com esse fator de alta, pois, ainda neste primeiro semestre de 2026, o mercado deve começar a precificar o próximo ciclo, cujas perspectivas de oferta ainda são positivas. Consultorias como StoneX e Safras & Mercado já estimam uma produção brasileira recorde para 2026, embora o cenário siga extremamente incerto devido às instabilidades climáticas, fator que,

inclusive, sustenta a recuperação parcial dos preços nestes primeiros dias do ano.

Embora ainda não tenha publicado seu relatório de exportações de dezembro/25, de acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), no mês de novembro/25, o Brasil exportou 3,582 milhões de sacas de café, volume que implica queda de 26,73% em relação as 4,889 milhões de sacas embarcadas no mesmo mês de 2024. Nos cinco primeiros meses do ano safra 2025/26, a performance é parecida, com os embarques caindo 21,65%, indo para 17,435 milhões de sacas. Já no ano civil, de janeiro a novembro de 2025, o Brasil exportou 36,868 milhões de sacas, o que representa um declínio de 20,98% frente aos 46,658 milhões de sacas exportados nos onze primeiros meses do ano passado. Consequentemente, ao longo de 2025, os estoques certificados na Bolsa de Nova Iorque registraram uma redução de 53,7%. O volume, que encerrou 2024 em 979.967 sacas, recuou para 453.155 sacas ao final de 2025. De acordo com o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, *“A maior entrada de dólares com os embarques de café do Brasil em novembro, na safra e no acumulado de 2025 reflete as cotações mais elevadas no mercado, com preços médios cerca de 50% superiores aos mesmos períodos antecedentes. Já o recuo no volume era esperado após números de exportações recordes em 2024 e menor disponibilidade do produto neste ano. O impacto gerado pelos quase quatro meses de tarifaço de 50% imposto pelos Estados Unidos sobre a importação dos cafés do Brasil e a dificuldade para embarcar devido à defasagem da infraestrutura portuária no país foram fatores que também afetaram o desempenho do setor”*. Em parte, o fluxo menor de remessas ao exterior se deve: às exportações recordes de 2024 que culminaram em níveis de estoques extremamente críticos, à perda do potencial produtivo da safra 2025/26 impactada pelo clima, à retranca dos produtores na comercialização de seus cafés e, ainda, aos efeitos das tarifas norte-americanas impostas às importações do Brasil que potencializaram o declínio das exportações durante maior parte do segundo semestre de 2025. Ainda sobre o desempenho das exportações brasileiras, de acordo com dados da Secex/MDIC divulgados hoje (07/jan), o Brasil exportou 39,3 milhões de sacas de café (verde e solúvel) em 2025. O volume representa uma retração de 18% frente aos 47,8 milhões de sacas registrados em 2024. Apesar da queda na quantidade, o faturamento deu um salto de 29,5%, subindo de US\$(12,340 bilhões para US\$) 15,984 bilhões no fechamento do ano.

Na esfera macroeconômica, no mês de dezembro, o FOMC (Comitê Federal de Mercado Aberto) cortou a taxa de juros dos Estados Unidos em 0,25 %, estabelecendo-a no intervalo de 3,5% a 3,75%. Para este ano, o cenário econômico dos EUA é de otimismo moderado, com projeções de expansão do PIB elevadas para 2,3% este ano, impulsionadas pelo setor de tecnologia e novos estímulos fiscais. Embora a inflação (PCE) tenha caído para a faixa de 2,4% a 2,7%, ela permanece acima da meta oficial, o que leva o Federal Reserve a adotar uma postura cautelosa, sinalizando apenas um corte adicional na taxa de juros para 2026, embora o mercado financeiro espera dois cortes, o que poderia levar a taxa para o patamar de 3,0% a 3,25%. Apesar da estabilidade no emprego (taxa de 4,6%), o primeiro semestre de 2026 deve ser marcado pela expectativa em torno da troca de liderança no FED e pelas tensões comerciais que ainda podem pressionar a economia dos EUA. Já no Brasil, em dezembro, pela quarta vez consecutiva, o COPOM (Comitê de Política Monetária) manteve a Taxa Selic em 15% ao ano. A decisão já era esperada pelo mercado financeiro em vistas do controle da inflação que segue beirando o teto da meta. Aqui, o ano de 2026 inicia com projeções de crescimento moderado e inflação sob vigilância, apresentando uma expectativa de alta de 1,80% para o PIB. O mercado financeiro, conforme o relatório Focus mais recente, projeta que a inflação (IPCA) encerre 2026 em 4,06%, mantendo-se dentro do intervalo da meta, enquanto a taxa Selic deve apresentar uma trajetória

de redução gradual, com previsão de terminar o ano em 12,25%. Esse cenário é acompanhado por um salário mínimo reajustado para R\$ 1.621 e um mercado de trabalho que demonstra resiliência, apesar da pressão fiscal e das incertezas típicas de um ano eleitoral que influenciam as decisões de investimento. O desempenho da economia dos EUA tende a gerar impacto no mundo inteiro. No Brasil, em especial a taxa de juros dos EUA, gera reflexos relevantes, sobretudo no câmbio. Diante a atual taxa de juros no Brasil, o diferencial da taxa de juros Brasil/EUA aumentou ainda mais, o que tende estimular o fluxo de recursos financeiros para o Brasil, gerando um viés de valorização do Real (desvalorização do Dólar), o que é favorável para as cotações do café nas Bolsas de Futuros, mas desfavorável para os preços no mercado interno. Apesar da valorização do Dólar no decorrer do mês de dezembro (por motivos detalhados em fatores de pressão, mais abaixo), no ano de 2025, o dólar acumulou uma desvalorização de 11,18% em relação ao Real. Este foi o maior recuo anual da moeda norte-americana frente à brasileira em quase dez anos. Vale acrescentar que um dos principais motivos para a recuperação parcial dos preços nas principais Bolsas de café do mundo nesse início de ano, é a queda do dólar que ontem (06/jan) apresentou forte desvalorização contra o Real, voltando ao patamar de R\$ 5,38, após se aproximar de R\$ 5,60 no decorrer do último mês de 2025.

Conforme observado no gráfico da primeira página, a análise técnica sugere que o mercado superou as resistências de curto prazo, EMA(9) a 358,10 c/l e EMA(21) a 361,25 c/l. Esse movimento foi estimulado, principalmente, pela desvalorização do dólar e pelas irregularidades climáticas no Brasil. Atualmente, os preços se aproximam da terceira resistência, a MMS(50), localizada em 378,10 cents/lb. Um cenário de dólar mais fraco ou novas adversidades climáticas pode levar ao rompimento desse patamar, projetando o mercado para níveis mais altos, na faixa de 390,00 cents/lb. Caso contrário, sem a materialização desses gatilhos cambiais e climáticos, a busca por esses patamares na Bolsa de NY torna-se improvável.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de dezembro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), após atingir a máxima de 381,00 cents/lb na primeira semana do mês, o café Arábica cedeu e encerrou o mês com fechamento em 348,75 cents/lb. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que chegou a ser negociado na máxima de USD 4.393,00/ton durante o primeiro pregão do mês, de modo similar ao Arábica, também cedeu e encerrou o mês com fechamento em USD 3.949,00/ton. A seguir, os fatores que pressionaram os preços no decorrer do mês de dezembro com algumas possibilidades futuras.

Conforme posto nos últimos meses, na medida em que o fluxo de embarque de origens que iniciam suas safras em outubro, tais como Vietnã, Colômbia e América Central vai aumentando, o mercado vai cedendo (como ocorreu em dezembro/25), com um ou outro movimento de recuperação, tal como o visto neste início de janeiro/26. Apesar da recente atualização dos dados do USDA, que expõe um cenário ainda apertado para o atual ciclo, com estoques de passagem representando 20,15% da demanda global, caso o pico das exportações dessas origens, que geralmente ocorre entre os meses de fevereiro, março e abril, colida com uma possível oferta do volume de café que vem sendo retido no Brasil diante uma postura comercial mais retraída dos produtores brasileiros, os preços muito provavelmente serão pressionados. A percepção dominante entre os agentes de mercado é de uma recomposição gradual no fluxo de abastecimento global de café nos próximos meses. Essa perspectiva de maior oferta nos

próximos meses tende a exercer uma pressão negativa sobre as cotações, limitando o espaço para valorizações muito além das que já estão ocorrendo nesta primeira semana do ano. Somado a isso, de acordo com dados da Safras & Mercado referentes à primeira quinzena de dezembro, o ritmo de comercialização da safra brasileira permanece aquém das médias históricas. Até o dia 10 de dezembro, as vendas dos produtores registravam um atraso de aproximadamente 10% em comparação ao mesmo período do ano anterior, situando-se 5% abaixo da média dos últimos cinco anos. Existe a expectativa no mercado de que o volume de café represado no Brasil chegue ao mercado no primeiro semestre de 2026. Esse fluxo de oferta tende a coincidir com o pico de abastecimento das demais origens (fevereiro a abril), resultando em pressão sobre as cotações. A pressão deve ser mais acentuada nos cafés Canephoras (Robustas e Conilons) devido ao progresso favorável da colheita no Vietnã, onde as condições climáticas voltaram a colaborar após chuvas excessivas, e pelos dados recentes do USDA dos quais indicam uma divergência clara entre as espécies: enquanto a produção global de Arábica deve recuar 4,67% (entre os ciclos passado e atual), os Canephoras deverão apresentar um acréscimo robusto de 10,94%. Sob essa ótica, segundo o Escritório Nacional de Estatísticas do Vietnã, as vendas externas do país em 2025 totalizaram 1,58 milhão de toneladas, um aumento de 17,5% em comparação com 2024, o que confirma o quadro de menor escassez com relação a esta espécie atualmente.

Com relação à safra brasileira de 2025, a Conab surpreendeu o mercado em dezembro ao elevar a estimativa anterior para a safra brasileira de 2025, indo na contramão das revisões do USDA. O novo relatório acresceu 1,33 milhão de sacas à estimativa de setembro, totalizando 56,53 milhões de sacas. Atualmente, o órgão projeta realidades distintas para as espécies: uma quebra de 9,7% para o Arábica (totalizando 35,76 milhões de sacas) e um salto expressivo de 42,1% para os Canephoras, cuja safra atualizada alcança 20,77 milhões de sacas.

Dentre os fatores determinantes para os preços neste semestre, além da evolução no fluxo do abastecimento global, a percepção com relação ao potencial produtivo para o próximo ciclo (2026/27), também deve ditar o rumo da curva dos preços, com destaque inicial para as impressões preliminares em torno da safra brasileira de 2026. Nesse contexto, consultorias como Safras & Mercado e StoneX indicam que, embora seja prematuro afirmar, existe a possibilidade de uma safra recorde no Brasil em 2026. Esse potencial não se baseia na produtividade das plantas atuais, já impactadas pelo clima do ano passado, mas sim na expansão da área em produção. O incremento deve decorrer de lavouras que retornam de safra-zero, novos plantios e áreas renovadas com materiais genéticos superiores e estande mais reduzidos. A grande incógnita para se falar em uma safra 2026/27 recorde ou não aqui no Brasil, reside na divergência de dados sobre a área em produção no país, um ponto de discórdia comum entre as principais fontes do setor. As atenções do setor neste mês devem se concentrar nos dados da Conab sobre a safra 2026, que devem ser publicados ainda em janeiro. A expectativa de uma colheita volumosa sustenta um viés de baixa para os preços, dado o potencial aumento na disponibilidade de café no próximo ciclo. Por ora, os principais dados preliminares da safra brasileira 2026/27 são das empresas mencionadas:

- Safras e Mercado: Para o Arábica, aumento de 21,77% da safra de 2025 para 2026, saindo de 38,35 milhões de sacas para 46,70 milhões. Para os Canephoras, uma redução de 6,18% da safra de 2025 para 2026, saindo de 25,90 milhões de sacas para 24,30 milhões. Consequentemente, no geral, aponta-se um aumento de 10,5% da safra brasileira de 2025 para 2026, saindo de 64,25 milhões de sacas para 71,00 milhões, um volume maior do que o último recorde apontado pela Safras e Mercado em 70,27 milhões de sacas no ano de 2020.

- StoneX: Para o Arábica, aumento de 29,32% da safra de 2025 para 2026, saindo de 36,5 milhões de sacas para 47,2 milhões. Para os Canephoras, uma redução de 8,91% da safra de 2025 para 2026, saindo de 25,8 milhões de sacas para 23,5 milhões. Consequentemente, no geral, aponta-se um aumento de 13,48% da safra brasileira de 2025 para 2026, saindo de 62,3 milhões de sacas para 70,7 milhões, um volume maior do que o último recorde apontado pela StoneX em 67,60 milhões de sacas no ano de 2020. Informações mais detalhadas da StoneX reforçam a tese de que apesar das condições climáticas se mostrarem determinantes e limitarem o potencial de produtividade para o ano que vem, o aumento da área em produção, com áreas retornando de safra zero ou de novos plantios e renovação de lavouras entrando em produção com materiais genéticos mais produtivos e estandes mais reduzidos, devem ser os responsáveis por uma safra brasileira mais volumosa em 2026. De acordo com a StoneX, *“o saldo geral da safra 26/27 será resultado do equilíbrio entre a queda produtiva em algumas regiões de arábica e de conilon, compensadas pelo aumento de área plantada, pelas boas produtividades em lavouras novas e pela alta esperada em Rondônia”*. *“Em síntese, o Brasil possuía potencial para uma safra ainda maior, mas as adversidades climáticas e o desgaste do parque cafeeiro limitaram esse resultado. Mesmo assim, a produção deverá avançar em 26/27. Mesmo estimada em 70,7 milhões de sacas e representando um incremento de 13,5%, é uma safra aquém do potencial que poderia ser alcançado em condições climáticas ideais”*, relata a StoneX.

De acordo com o Cecafé, a defasagem na infraestrutura dos portos brasileiros e os gargalos logísticos seguem gerando prejuízos milionários aos exportadores de café. De acordo com o levantamento mais recente realizado pelo Cecafé, os associados da entidade tiveram prejuízo de R\$ 8,719 milhões com armazenagens adicionais, pré-stacking e detentions, somente em outubro de 2025, devido à impossibilidade de embarque de 2.065 contêineres — 681.590 sacas — do produto. Como maior parte das exportações brasileiras se dão pelo formato FOB (free on board – livre a bordo do navio), parte dos custos adicionais são descontados do preço pago a produtor, o que pressiona ainda mais as cotações no mercado interno.

As cotações do café nas Bolsas de Futuros também foram pressionadas em dezembro de 2025 pela valorização do dólar frente ao Real. Embora a moeda norte-americana tenha acumulado queda ao longo do ano de 2025, ela encontrou sustentação no último mês do ano devido ao aumento do risco fiscal e à saída de capital estrangeiro do país. Esse movimento foi agravado pela instabilidade política decorrente da pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro à presidência em 2026, fator que, somado às incertezas sobre as metas fiscais do governo, impulsionou o dólar para patamares acima de R\$ 5,55, pressionando os preços internacionais da commodity nas Bolsas de Futuros.

Devido à pressão interna nos EUA relacionada ao aumento do custo de vida e da inflação de produtos como café, os EUA zeraram as tarifas que haviam sido impostas a grande parte dos produtos agrícolas brasileiros, incluindo o café. A medida, que removeu uma sobretaxa de 40%, foi anunciada em novembro e já está em vigor, com efeito retroativo a 13 de novembro, o que significa que a isenção vale para produtos que entraram nos EUA a partir de 13 de novembro, permitindo que os importadores sejam ressarcidos por taxas já pagas. Apesar de extremamente saudável para o mercado, o êxito na isenção das tarifas para os cafés brasileiros certamente exerceu pressão sobre as cotações do café uma vez que a medida beneficiou o fluxo de exportações brasileiras para os EUA, se tornando, inclusive, um contraponto para estancar a queda livre dos estoques certificados de NY que no decorrer de dezembro apresentou recuperação superior a 50 mil sacas (apesar de ainda estar em um nível crítico). Por ora, é

importante ressaltar que as tarifas para o café solúvel do Brasil ainda sofrem uma taxa de 50% nos EUA, uma questão que continua a ser monitorada pelo setor. A Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS) lamentou a decisão, pois os EUA são um mercado crucial, respondendo por cerca de 20% das exportações do produto brasileiro. O setor busca reverter a situação, pois a tarifa torna o produto brasileiro muito mais caro para os importadores americanos, inviabilizando o comércio para esse destino.

Somado ao êxito na isenção tarifária para o café brasileiro, fator que já impulsiona o dinamismo das exportações e a normalização gradual do suprimento mundial, destaca-se também a flexibilização da EUDR (Regulamento Antidesmatamento da UE). Após aprovação do Parlamento Europeu, o cronograma foi postergado: grandes operadores têm agora até 30/12/2026 para conformidade, enquanto micro e pequenas empresas possuem prazo até 30/06/2027. A medida visa simplificar a transição tecnológica e reduzir a carga burocrática, sem comprometer o rigor no combate ao desmatamento.

Outro componente que vem pressionando os preços é o reposicionamento das carteiras dos fundos de investimentos e especuladores cujo saldo líquido comprado em contratos futuros caiu para menos 25.000 contratos ao final de dezembro, momento em que as cotações na Bolsa de NY romperam o suporte de 350,00 cents/lb para o atual vencimento de maior liquidez (março – KCH6). Esse movimento consolida uma tendência de redução na exposição comprada dos fundos. De acordo com dados do CFTC (Comissão de Negociação de Futuros de Commodities), o saldo líquido comprado em futuros dos fundos era superior a 35 mil contratos em novembro e ultrapassava 40 mil em outubro. Há um ano, esse volume era ainda mais expressivo, superando 70 mil contratos.

Por fim, um aspecto relevante na precificação em Nova York é o alargamento do spread entre o contrato de maior liquidez (março/26) e os meses subsequentes. A estrutura de backwardation (mercado invertido) persiste, sinalizando uma expectativa de desvalorização mais acentuada para os vencimentos mais longos em comparação ao curto prazo.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Iniciamos 2026 sob a influência do relatório do USDA de dezembro, que sustenta um leve viés de recuperação para os preços que, no último mês do ano de 2025, apresentaram forte queda. Embora a produção do ciclo 2025/26 tenha sido ajustada para 178,85 milhões de sacas, com um leve acréscimo, que não chega a 200 mil sacas, o dado central do relatório é o salto no consumo global, que apresenta uma revisão de 4,49 milhões de sacas a mais do que o estimado em junho/25, estabelecendo um novo recorde de 173,85 milhões. Com estoques reduzidos a 20,15 milhões de sacas, o déficit de oferta para o atual ciclo é evidente. Contudo, geralmente no primeiro semestre de cada ano, o mercado tende a iniciar a precificação do próximo ciclo. Ou seja, é muito provável que a atual escassez já tenha sido precificada anteriormente e, ainda no primeiro semestre de 2026, o mercado comece a precificar o próximo ciclo de acordo com a atual percepção que, até então, promete fundamentos mais robustos, limitando voos mais altos e até propondo novas quedas para os preços. Quanto aos preços, a leve recuperação observada nesta primeira semana de janeiro mantém patamares que ainda oferecem boa rentabilidade, mesmo que inferiores aos picos de setembro e outubro de 2025. A imprevisibilidade do mercado de café exige uma gestão de riscos rigorosa. Como é impossível prever com exatidão o comportamento

futuro dos preços, a estratégia mais sensata é garantir margens de lucro satisfatórias. Realizar lucros parciais é uma prática prudente na gestão de riscos, fundamental para assegurar a saúde financeira do produtor e evitar a exposição a possíveis prejuízos futuros diante inúmeras tentativas de prever o topo das cotações que pode ou não ter ficado para trás. Certamente, lucro realizado é preferível à incerteza da especulação futura.

Varginha, 07 de janeiro de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé